



AbraLíC

experiências literárias textualidades contemporâneas

DESTINOS POR ASSINAR: A ILEGIBILIDADE COMO EXEMPLO EM MANUEL DE FREITAS

Sérgio Lima¹ (UFMG)
Sabrina Sedlmayer (UFMG)

RESUMO: A presente leitura parte de uma possível aproximação entre contemporaneidade e expressão poética. Tomando por referência a antologia *Poetas sem qualidades*, do poeta português Manuel de Freitas, pondera-se um modo específico e “exemplar” de experiência vivencial do tempo presente a partir da qual a poesia deve assumir a tarefa de “ler o que não pode ser escrito” e “escrever o que não pode ser lido” (AGAMBEN, 2013). À difícil exigência de des-escrever o presente, corresponde o impasse em torno de uma miúda recepção poética que se traça tanto pelo âmbito de uma política editorial voluntariamente restrita quanto pelo afastamento das qualidades poéticas que refletem, em rigor, um tempo “sem qualidades”. A poesia, nesse caso, faz-se em seu próprio estado de sobrevivência no poema; a obra, por consequência, imersa num mundo já evidentemente definido pelo radical prosaísmo que enreda as espetaculares formas de produção econômica contemporâneas, assume um destino menor, uma vez que se direciona e se funda no inescrivível e ilegível povo menor. Dentro de tais termos, a lavra poética de Freitas, no caso da antologia em questão, é “exemplar” num sentido muito próximo daquele que empreendeu Giorgio Agamben, a saber, o que resulta na sua própria exclusão diante de determinadas regras (sejam elas os manifestos ou as afinidades geracionais, ou mesmo os evidentes pontos de tensão poéticos verificados em seus elementos despoetizantes), mas que também exhibe a sua pertinência a um tipo de comunidade menor (a dos poetas?) que só pode revelar a sua condição de pobreza; de uma miudeza tanto discursiva quanto topológica que hoje traça alguma tendência da poesia portuguesa. É sob o olhar em torno de uma poesia estética e politicamente “menor”, que busca, invariavelmente, inscrever o que não é, em geral, pressuposto em poesia, que tal leitura se funda.

Palavras-chave: poética do contemporâneo – ilegibilidade – Manuel de Freitas – poesia “sem qualidades”.

Num dos ensaios que compõe *Meios sem fim*, série de textos que é vista como a prévia do ambicioso projeto *Homo sacer*, Giorgio Agamben (2010) tece uma bela imagem sobre o rosto, aproximando-o do sentido de tudo aquilo que se distancia do que de fato se vê. À remota possibilidade de fazer um rosto coincidir simplesmente com a sua aparência, o pensador italiano responde com o apagamento de um ou outro semblante revelado, pois ele mesmo – ao pressupor um modo de ser irreparável e inqualificável,

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: sergioflub@gmail.com

uma vez que se exclui de qualquer propriedade – é exterior à representação, ao mesmo tempo que interior à simultaneidade que a pressupõe. Escreve o pensador:

O rosto não é simulacro, no sentido de qualquer coisa que dissimula ou encobre a verdade: ele é a *simultas*, o estar-junto dos múltiplos semblantes que o constituem, sem que algum desses seja mais verdadeiro que os outros. Compreender a verdade do rosto significa tomar não a semelhança, mas a simultaneidade dos semblantes, a inquieta potência que os mantêm juntos e os reúne em comum. Assim, o rosto de Deus é a *simultas* dos semblantes humanos, a “nossa efígie” que Dante vira no “vivo lume” do paraíso.

Meu rosto é o meu fora: um ponto de indiferença acerca de todas as minhas propriedades, acerca disso que é próprio e do que é comum, disso que é interno e do que é externo. No rosto, estou com todas as minhas propriedades (o meu ser moreno, alto, pálido, orgulhoso, emotivo...), mas sem que nenhuma delas me identifique ou me pertençam essencialmente. Ele é o limiar de desapropriação e de desidentificação de todos os modos e de todas as qualidades nas quais elas devêm pura comunicabilidade. Apenas onde encontro um rosto, um fora me chega, encontro uma exterioridade.

Sede apenas vosso rosto. Andai pelo limiar. Não permaneçais o sujeito de vossa propriedade ou faculdade, não remanesçais sob elas, mas evadi-vos com elas, nelas, para além delas (AGAMBEN, 2010, p.85-86).

Não pretendo aqui debruçar-me sobre as complexidades que envolvem esse texto, embora não possa negar que ele atravessasse de forma decisiva esta reflexão sobre alguma poesia portuguesa de hoje. Interessa-me, assim, arrancar do excerto o plano que se direciona a uma ética que excetua a possibilidade de um rosto poder ser compreendido estritamente pelo que nele se repete ou “por qualquer [outra] coisa que dissimula ou encobre a verdade”. Distante ainda de imaginar que tal noção possa ser aplicável a um caso qualquer – mesmo porque ao propor a redutibilidade do ato a si mesmo recairia no risco de uma violência de linguagem –, busco explorar um gesto de aproximação elegendo, de forma exemplar, o trabalho singular do português Manuel de Freitas, mais especificamente, aquele que se refere à antologia *Poetas sem qualidades*. Cabe lembrar, no entanto, que o exemplo – tal como coloca Agamben (1993) – não introduz simplesmente um modo de representação, nem de apropriação; não se trata de formas mais ou menos direcionadas a um modelo que pudesse servir de referência para outros tantos casos, mas ele mesmo, sendo a suspensão de toda a referência (excluindo-se, logo, da regra), exhibe, assim como assim, a sua pertinência ao caso qualquer. Penso, de modo próximo ao que propôs Rosa Maria Martelo (2003), que o trabalho de Freitas, num cuidado quase alegórico – tal como propôs Benjamin – se estende a um olhar exemplar de certa tendência da poesia portuguesa atual que, de modo geral, escapa de uma literatura

de cunho estatístico ao mesmo tempo em que compõe uma representatividade contemporânea que se dá a partir de alguns poetas e alguns livros. Como efeito disso, assistimos também a outros meios e modos de curso e de circulação da poesia hoje em Portugal.

Ainda que tal postura não firme a ideia de um rosto do modo como coloca Agamben, o lugar desta poesia aqui tratada, como se pode ver, não pode escapar da responsabilidade que coincide com a inscrição do sujeito em seu tempo. Um tempo cuja realidade, ao fracassar diante de seu próprio excesso, cria seu próprio estado de exceção poético. Sem lugar no espetáculo de seu próprio tempo, a “poesia sem qualidades” não quer nem tanto ser conduzida para além da velocidade de sua época, como o fizeram as escolas de vanguarda, mas também nega a lentidão diante do devir histórico, a exemplo da poesia que, não resistindo aos seus anacronismos, é hoje negligenciada pelo presente (exceto em raros casos, como o do poeta Herberto Helder). A propósito disso, confirmam os versos de Freitas que compõem o poema “Sub rosa”: “já não trabalhamos com o ouro/e temos um certo pudor tardio/ em falar de deus, do amor ou até do corpo” (FREITAS, 2010, p.26).

Se um rosto, pois, pressupõe a multiplicidade da experiência histórica, ela nunca, contudo, deve ser confundida com o excesso de possibilidades que ordena e decide o tempo presente, mas negando em si o excesso, empreende um gesto que funda um tempo outro; uma forma particular de produção de presença que se alinha a uma zona de indiferença em torno da apropriação e seus dispositivos que regem nossos tempos de exceção, em que não se pode afirmar ao certo alguma diferença entre quantidade e qualidade. Desse modo, quando falo de uma representatividade (portanto, de um simulacro), me refiro mais ao sentido que tem de *simultas* – como o estar-junto ou ao lado de todas as visagens – que é, em todo caso, diferente de *similis*, sua também possível e mais provável raiz, que corresponde à aceção de similitude ou semelhança. Gostaria aqui – ao partir do exemplo da lavra verificada na antologia freitasiana – de me ater a esse sentido menor do termo simulacro. Esse sentido de indiferença entre o “próprio e o comum” que, de um modo particular, traça-se como um possível rosto da poesia portuguesa contemporânea.

*

Não me parece tão difícil concordar com certos críticos e poetas quando defendem que, por várias décadas e por meio de diversas vozes, a poesia em Portugal é

tida pela mais alta afirmação literária. Ao lado do romance, que pelo menos em sua maior parte não pode subtrair de seus desígnios as inevitáveis e violentas demandas editoriais, uma nova tendência da poesia contemporânea portuguesa tem se assumido nas antípodas das máquinas de marketing e dos manifestos geracionais, uma vez que também declaradamente entregue a uma “tranquila invisibilidade” que assinala o seu divórcio com o grande público. Poetas como Rui Pires Cabral, Ana Paula Inácio, José Miguel Silva, Carlos Alberto Machado – e outros tantos que hoje dão nome a uma linhagem da “Nova Poesia Portuguesa” – quase não chegam a vender a tiragem de trezentos exemplares de seus livros. A condição de sobrevivência de tais poetas (e da poesia) num mundo “sem qualidades” – termo, que remetendo à obra de Musil, é recuperado por Manuel de Freitas para se referir ao tempo presente – passa a ser também condição tópica desta poesia. Tópica, cabe lembrar, num sentido próximo daquele que pensou Aristóteles como essa coisa “tão difícil de apreender”, mas também o que propõe Platão, em *Timeu*, quando diz de uma topologia filosófica pensada como o “terceiro gênero” do ser e à qual seria mais adequado um *tópos outopos* (um lugar-não-lugar), que presume que a exploração topológica, ao ser pensada quando o lugar é o lugar da diferença, está desde sempre atravessada por uma utopia². O que significa, para todo caso, que uma elevação ao mais alto teor de irrealidade e inapreensibilidade pode ser tida – em acordo com o que propôs Musil em ocasião de seu romance incompleto – como forma única de plasmar uma realidade possível. Talvez isso explique o teor de comunicabilidade que descarta – a exemplo de Baudelaire – a poesia entendida em seu sentido aurático e o domínio da prosa sobre o verso, tanto em termos comerciais como em exercícios formais. Comunicabilidade – na estrita acepção do termo – é também a profanação do verso em prosa e, ao mesmo tempo, a apreensão do discurso dominante que rege a ficção do reino da mercadoria que aqui é conduzida ao seu limiar e, conseqüentemente, a outro possível modo de uso que, nesse caso, joga ao lado do que se diz comunicável. Tal é o projeto que perpassa essa geração pobre de aspectos materialmente geracionais e também essa poesia carregada de elementos despoetizantes, cuja fatalidade e dispositivos últimos são os versos. É sob essa luz que se abre uma das mais importantes antologias da poesia

² No prefácio de *Estâncias*, o pensador Giorgio Agamben (na esteira do historiador de arte Aby Warburg), ao questionar sobre o lugar da crítica enquanto o discurso que, conjugando poesia e filosofia, coloca em xeque a possibilidade de se pensar numa ciência capaz de se apropriar de seu objeto. Uma topologia do *gaudium*, tal como aparece neste breve texto, corresponde a uma zona de indiferença entre a realidade e a irrealidade e, assim sendo, compreende o lugar através do qual “o espírito humano responde à impossível tarefa de se apropriar daquilo que deve, de qualquer modo, continuar inapreensível” (AGAMBEN, 2007, p.14).

contemporânea portuguesa, prefaciada e organizada por Manuel de Freitas e em cujo título se lê em minúsculas: *poetas sem qualidades*. Diz Freitas (2002) acerca dos nomes ali reunidos:

O que importa reter, para os propósitos desta antologia, é, antes de mais, a relação do(s) poeta(s) com o seu tempo (e, fatalmente, com os mecanismos mentais e axiológicos que o determinam). A questão, como tantas vezes se tem sublinhado, foi abordada com particular veemência por Baudelaire, mas não deixa de comparecer nas reflexões de autores como Hofmannstahl, Gottfried Benn ou Marina Tsvietaieva, entre outros. Mesmo sem que façamos um inventário exaustivo do problema, torna-se evidente que grande parte da poesia contemporânea se mantém fiel a um conceito de qualidade que o tempo e a chamada “realidade” se esforçam por negar ou neutralizar. Falar de uma resistência, com o que nisso possa haver de heroico, é, na melhor das hipóteses, uma solução caridosa e demasiado complacente. De resto, o martírio e a maldição, enquanto configurações ou atitudes poéticas, tiveram o seu tempo e, inclusivamente, as suas escolas. A questão que hoje se coloca – em Portugal, que é onde estamos – prende-se sobretudo com o apreço “qualitativo” por anacronismos e ourivesarias e com o resto. Esta antologia, que não foi subsidiada nem gastou solas no Parnaso, pretende contemplar isso mesmo: o(s) resto(s). (FREITAS, 2012, p.157)

Esgotada desde o ano seguinte ao de sua publicação, a antologia em questão se configura como elemento nuclear no trabalho de Freitas. De um lado, porque marca o início seu projeto enquanto antologador e editor, uma vez que inaugura, junto ao nome de Inês Dias (também poeta e tradutora) a editora Averno – que desde então vem publicando e traduzindo autores e textos à margem do cânone da poesia e de alguma crítica e que não ultrapassa as tiragens únicas de cerca de quatrocentos exemplares. De outro lado, o texto que abre a coletânea dos “poetas sem qualidades” vai a contrapelo dos manifestos que puderam, de algum modo, demarcar o projeto geracional da poesia do século passado. O termo “resto”, nesse sentido, caro tanto à poesia dos “poetas sem qualidades” quanto à de Freitas, prende-se com a secundarização a que a poesia tem sido indicada e que, em acordo com o prenúncio T. S. Eliot, nos revela hoje que estatisticamente e comercialmente que “a poesia não interessa”. À parte desse salto fatalmente niilista, o resto indica, em outros termos, que a responsabilidade estética também se verifica, inegavelmente, na relação mais alargada possível do poeta com as vozes que o precederam, pois só daí pode emanar a simultaneidade das épocas. Se um rosto, é portanto, a simultaneidade dos semblantes, o gesto de Freitas na antologia pode ser lido tanto como uma poética que se afirma a contrapelo da poesia do século passado

(mesmo que isso pressuponha um íntimo diálogo) quanto cria uma constelação de poetas num tempo – quem sabe – comum. Sugerindo uma contemporaneidade possível, o labor da antologia pode ser lido como uma poética freitasiana que, desviando da vida e do tempo pelo que resta dos mortos (ao que o poeta entende como precursores³), diz numa única e possível voz rouca, sobre o lugar da poesia contemporânea. Nesse sentido, a poética de Freitas tanto direciona a seus interlocutores/precursores (como coloca o ensaísta Pedro Eiras) um “pedido de desculpas”⁴, quanto anuncia e assume, em seu próprio fracasso diante da realidade, a fragilidade da poesia em tempos em que a própria língua já não pode mais deixar de assumir os seus próprios excessos.

Se para Freitas, nesse sentido, o mote que decide a impossibilidade geracional estabelecida a partir de um eixo é pulverizada pelo caráter inqualificável capaz de reunir certo grupo de poetas – concorda: a “um tempo sem qualidades, como aquele em que vivemos, seria no mínimo legítimo exigir poetas sem qualidades” –, isso também pressupõe que a poesia deve, aporeticamente, fugir em direção a essa exigência de um tempo de espetacularizações, inclinando-se num “tom menor” – algo próximo à clássica imagem, bem lembrada por Didi-Huberman, que figura o brilho dos *luciolles* que o jovem Pasolini viu progressivamente se apagar no horizonte à luz dos holofotes fascistas. Nesse caso, contudo, não se trata dos vagalumes que ainda restaram em suas breves e diminutas

³ Numa entrevista que pude realizar ao lado do amigo Cleber Araújo Cabral no ano de 2014, Manuel Freitas, ao ser questionado sobre a sua relação com a poesia de Al Berto e Herberto Helder, propõe uma breve visão a respeito do que entende como “precursores”: “Neste ponto, talvez seja útil recorrer a factos biográficos bastante concretos. Por mero acaso, Al Berto foi o primeiro poeta contemporâneo que eu li na íntegra (pouco depois da reunião da sua obra em *O Medo*, Lisboa, Contexto, 1987). Eu teria dezasseis anos, muito poucas leituras poéticas, e fiquei naturalmente deslumbrado com aquela escrita torrencial, mesmo (ou sobretudo) no que então me parecia ter de «incorrecta». Havia, além do mais, fortes afinidades extra-literárias (Velvet Underground, Joy Division, etc.) entre aquela escrita intensamente urbana e a minha vivência musical de adolescente provinciano. Com o passar dos anos, relativizei um pouco a importância literária de Al Berto, até por haver na sua geração poetas portugueses de primeira grandeza, mas tratou-se, para mim, de um encontro marcante. Por essa mesma altura, também por acaso, não se encontrava disponível no mercado a obra poética reunida de Herberto Helder. Tive de esperar por 1990 para poder ler, enfim, *Poesia Toda* (Lisboa, Assírio & Alvim). Mas aos dezoito anos, creio, já eu sofrera na pele as principais influências e resistências; a poesia de Herberto Helder não teve, portanto, qualquer efeito de contaminação assinalável. Admiro-a, claro, mas o meu grande embate com a escrita helderiana passa pela descoberta, ainda na adolescência, de *Os Passos em Volta* e de *Photomaton & Vox*. È nesses dois livros – e, anos mais tarde, em *Servidões* (Lisboa, Assírio & Alvim, 2013) – que me sinto realmente «próximo» de Herberto Helder, com a devida humildade. Enquanto ensaísta, julgo ter apre(nde)do muito mais com o desassombro anti-académico de *Photomaton & Vox* do que com Barthes ou Derrida. A interessante reflexão de Borges sobre o modo como cada escritor cria os seus precursores tornou-se, por exemplo em Harold Bloom, um fastidioso delírio freudiano. Não me parece que essas questões de genealogia possam ser resolvidas de ânimo leve, por mais denso que seja o aparelho teórico utilizado. Existe, em última análise, uma linhagem electiva sugerida por cada poeta e variável ao longo da sua obra. Mas essa linhagem, na maior parte das vezes, não se deixa reduzir a efeitos de «influência» nem a gestos edipianos. Pela minha parte, gostaria de frequentar um café onde pudesse encontrar François Villon, Camilo Pessanha, Fernando Assis Pacheco, Jaime Gil de Biedma, Luiza Neto Jorge ou Carlos de Oliveira. (FREITAS, 2014, p.256-257).

⁴ Cf. EIRAS, 2011, p.55

luzes, mas daqueles que “se escondiam na noite e tentavam o impossível”; um gesto que reage em urgência diante dos holofotes do ordenamento. Tal é imagem liminar do desaparecimento e que não deixa de ser, assim como para Huberman, “parcelas de humanidade [diria: traços fugazes que desenham um rosto] por mais frágeis e breves que sejam suas aparições” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 157). A essa exigência, que investe também no apagamento – que agora se faz no livramento dos excessos e dos dispositivos que operam em nome do quantitativo –, responde uma poesia que, em suma, comunica e que, de acordo com Freitas, não pretende agradar, especular o gesto frente a uma possível posteridade, nem mesmo ser poeticamente correta (se ainda tal certeza puder ser válida). De outro lado, é o próprio apagamento que une e separa os poetas sem qualidades; trata-se de poemas que se unem apenas quando retirados das obras de seus autores e se separam quando não se encontra nas respectivas obras alguma afinidade capaz de reuni-los enquanto uma geração de poetas. O que, no entanto, os torna comuns, sem pressupor qualquer identidade, pode ser lido pela inevitável imersão no mundo prosaico, pois ela mesma, determinando alguma pertença – mesmo que seja aquela gerida pelas leis mais gerais das ditas democracias contemporâneas – exhibe, enquanto exceção, a sua qualidade inqualificável. Como a figura do anjo-poeta que aparece nos *Pétits poèmes en prose*, de Baudelaire, os “poetas sem qualidades”, e também alguma safra da poesia portuguesa contemporânea, se moldam à luz da trivialidade cotidiana para, desse modo, arrancar da banalidade da vida a mínima variação: o intervalo que irrompe da repetição banal e a exceção diante da regra que governa as formas de vida em nome de uma vida mais digna de ser vivida. É o que parece revelar a primeira parte de “Caderno Azul”, poema de Carlos Alberto Machado, um antologizados:

Não é que não pense no fim do mês
até já pus o íman no contador
angustia-me tanta energia invisível
penso no fim do mês e da vida
e não sei o que me dói mais
os olhos abertos da minha filha
esperam por saber como perguntar
o teu pai filha ainda espera respostas
ou como construir as perguntas certas
esvai-se a casa e eu com ela
preocupado com as respostas
com as sobras das perguntas
enredo as palavras e embalo-as. (MACHADO *apud* FREITAS,
2002, p.21)

A interrupção dada àquilo que está diante de nossos olhos, como uma “conta a pagar”, “o milagre desalentado de um carteiro que passa”, o rosto de alguém sobre um fundo circunstancial ganha uma dimensão que cria um atrito diante da linearidade e alisamento do hábito. Certamente, os eventos não se configurariam como motivos poéticos, como confirma o ensaísta Luis Maffei (2006). Os versos de Machado, no entanto, revelam que o fim de mês se transfigura numa energia invisível, porém cortante, uma vez que nesse momento se descobre que dos excessos da vida habitual irrompe um tempo que remete ao tempo da vida; um tempo em que se vive e que se morre. Uma energia invisível é, por consequência, algo impagável, como também o é a ruptura do que já é costumeiro. Diante disso, não há nem mais perguntas nem respostas que a vida banal possa dar e, apesar de elas se arrastarem ao seus limites – sempre ao fim de alguns versos – se descobrem tão apenas nas sobras das perguntas, no resto de algo que está distante, porque também antes da possibilidade de resposta. O gesto poético se faz, portanto, de palavras que, numa descoberta ordinária, se transfazem num golpe de magia poética e enredam uma suspensão – um novo uso do repetido – que aqui, como todo produto de nosso tempo, é embalado no poema.

Segue-se a tal ordem os seguintes versos de Rui Pires Cabral:

Eu gosto da tua cara contra o fundo
circunstancial, ocupas o espaço por onde a rua
se intromete, as tuas pernas magras no passeio
como as de um fantoche que só mexe os braços.

Ao canto uma árvore fazia sombra pequena
na desconversa. Estavas mais ou menos
a dizer: nenhum futuro neste sofrimento.

O teu melhor ângulo. (CABRAL *apud* FREITAS, 2002, p.53)

Já aqui, o olhar aparece como o ponto de vista do que não se vê, para retomar a célebre imagem de Paul de Man, pois o espaço da rua invade o campo de visão. A isso, soma-se a sombra da árvore que só acentua o desacerto de uma possível comunicabilidade entre um eu lírico-fotógrafo, que busca dar foco ao que ainda é comunicável nos passeios, espaço de trânsito e, pelo menos como se deveria esperar, da partilha. No entanto, o que o poema anuncia é tão somente a impossibilidade de comunicação: a impossibilidade de se fotografar algo que apareça como o hoje. “Nenhum futuro neste sofrimento”; mas não pela imagem do que se retrata, pois ela é, de resto, “o melhor ângulo”, mas da poesia

enquanto forma de legar o comum e também do sofrimento que, em tempos de afirmação da vida, pode ter se tornado algo postíço e não rentável.

Retorno daqui ao prefácio de Manuel de Freitas: “Estes poetas não são muita coisa” – escreve. Mas não ser muita coisa vai a contrapelo de ser coisa, de ser reificado pelo tempo. Talvez por isso, a poesia sem qualidades não deva negar, mas também não somente aderir à lógica de seu tempo. Se a poesia, como defende Agamben, se dirige a uma exigência, essa exigência aqui é uma coincidência com esse novo tempo que a poesia deve fundar. Nesse sentido é que os “poetas sem qualidades”, que anunciam o que o próprio Freitas de alguma forma também confirma em seus poemas, são também possíveis coincidências que se fazem de restos de tabernas lisboetas, já quase desaparecidas, de figuras noturnas, de experiências ébrias ou mesmo de evocação de afetos particulares, músicas e viagens. Ao excesso de possibilidades, Freitas paga com o gesto de multiplicidade – é poeta, ensaísta, crítico, antologista, tradutor e editor. Não que isso seja ainda algo extraordinário, sobretudo do que se refere à atualidade em Portugal. Devo concordar, contudo, que fundando um novo tempo de desencontros, o poeta traça em seu projeto, que hoje conta com mais de quarenta obras publicadas (em grande parte, esgotada), uma espécie de rosto evanescente do qual que, como os dos poetas sem qualidades, devém certa comunicabilidade. Uma comunicabilidade que, em tempos que se fala sobre a dificuldade de ler, busca ler o que não foi escrito e, acima de tudo, escrever o que não foi lido.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Trad. António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

_____. **Estâncias**. A palavra e o fantasma na cultura ocidental. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

_____. **Medios sin fin**. Notas sobre la política. Trad. Antonio Gimeno Cuspiner. Madrid: Pre-Textos, 2010.

_____. “Sobre a dificuldade de ler”. Trad. Cláudio de Oliveira. **Revista Cult**: v.180, p. 46-47, jun., 2013.

EIRAS, Pedro. **Um certo pudor tardio**. Ensaio sobre os poetas sem qualidades. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

FREITAS, Manuel de. **A Nova Poesia Portuguesa**. Lisboa: Poesia Incompleta, 2010.

_____. **Pedacinhos de ossos**. Lisboa: Averno, 2012.

_____ (org.). **Poetas sem qualidades**. Lisboa: Averno, 2002.

_____. “Roteiros de variações”: entrevista com Manuel de Freitas. Entrevistadores: Cleber Cabral e Sérgio Lima. **Em Tese**. Vol.20, n.3 (set./dez. 2014), p.250-257. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/8260/7106>. Acesso em 25 de outubro de 2016.

DIDI-HUBERMAN. Georges. **Sobrevivência dos Vaga-lumes**. Tradução: Vera Casa Nova e Márcia Arbex, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MAFFEI. Luis. “Poetas sem qualidades: em busca da contemporaneidade busca da contemporaneidade possível”. **Textura**. n.14 (jul./dez. 2006), p.5-14. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/800/624>. Acesso em 25 de outubro de 2016.

MARTELO, Rosa Maria. “Reencontrar o leitor”. **Relâmpago**, Lisboa, Fundação Luís Miguel Nava, v.12, p.39-52, 2003.